

## **Cartografia das subjetvidades escolares: a educação física cultural**

Pedro Xavier Russo Bonetto

### **Resumo**

A pesquisa tem como objetivo cartografar possíveis linhas de força do campo educacional, particularmente da Educação Física na perspectiva cultural, a partir de uma concepção filosófica deleuze-guattariana. Entendendo o currículo enquanto um fazer-viver repleto de métodos, princípios éticos-políticos, intencionalidades, subjetvidades, que significa certos conhecimentos e experiências para os estudantes e seus corpos, o objetivo é produzir um memorando das linhas de poder (molares, moleculares e de fuga), bem como uma descrição dos acontecimentos e agenciamentos que engendram uma experiência curricular. Na escrita em forma de memorando, busca-se destacar o emaranhado de forças e segmentos que produzem certas potências, singularidades e o que impede a experiência escolar com a Educação Física de fazer o que ela poderia ser. Para isso, mergulha-se em um registro/intervenção denso, na vida-trabalho de um professor em sua escola, com seus alunos e alunas, colegas de magistério, reuniões, formações, discussões e enlances de desejos.

### **Palavras-chave**

Educação física – Currículo cultural – Cartografia – Deleuze-Guattari.

### **Apresentação**

O trabalho em questão expõe um projeto de doutoramento em desenvolvimento iniciado no ano de 2017. Este, segue com o tema das atuais pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF) da Faculdade de Educação-USP sob a coordenação dos professores Marcos Neira e Mário Nunes. Destacamos, portanto, a concepção cultural de Educação Física, produzida pelo coletivo em questão desde meados de 2004. Trata-se de uma proposta em constante modificação, ancorada no conceito de cultura corporal, compreendida como uma parcela da produção cultural humana ligada às práticas corporais, especificamente, todas as formas de brincadeiras, danças, esportes, lutas e ginásticas.

Influenciado pelas teorias pós-críticas de currículo, a Educação Física cultural compreende que os discursos que produzem em cada prática corporal, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares de conhecimento, formas de organização da sociedade e de diferentes grupos sociais. Por esse motivo, o currículo cultural se propõe a tematizar as práticas corporais dos diversos grupos que compõem a

sociedade. Procura fazer isso, ampliando, aprofundando e problematizando os conhecimentos por elas veiculados.

O objetivo em questão é a formação de pessoas capazes de desconstruir certas relações de poder que produzem e são produzidas no âmbito das mais diversas práticas corporais. Visa, portanto, à formação de sujeitos solidários. Advoga pela dignidade e consideração das vozes e modos de vida de todos os grupos integrantes da sociedade. Em termos mais práticos, o currículo cultural defende que não existem conteúdos, conhecimentos, identidades, modos de viver, gestos, melhores ou piores, mais adequados ou menos adequados.

Revisando as pesquisas que se debruçaram sobre o currículo cultural em ação, nos deparamos com nove trabalhos com escopos de análise e objetos bastante específicos<sup>268</sup>. Neira (2011), no mais denso estudo sobre o currículo cultural em ação, descreveu a construção do currículo cultural a partir do que chamou de “arquitetura” (p. 15) do edifício curricular cultural da Educação Física. Sobre a forma como os professores elaboram as suas aulas, o autor afirma que apesar de constatados em graus variados, é possível dizer que o currículo colocado em ação pelos professores abarca alguns elementos de “alvenaria”, ou princípios (articulação com os objetivos educacionais da instituição educativa, reconhecimento da cultura corporal da comunidade, descolonização do currículo, rejeição ao daltonismo cultural e ancoragem social dos conhecimentos) e “alicerces”, ou procedimentos didáticos (mapeamento e seleção dos temas de estudo, abordagem metodológica pautada na etnografia e genealogia arqueológica, ressignificação das práticas corporais, atividades de aprofundamento e ampliação, e o registro cuidadoso das ações curriculares).

Completando os trabalhos citados, destacamos aqui a dissertação de Bonetto (2016) da qual esse projeto de pesquisa deriva, “*A Escrita-Currículo da Educação Física Cultural: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula*”, a pesquisa procurou analisar como os/as docentes que afirmam desenvolver uma ação pedagógica pautada na perspectiva cultural da Educação Física promovem a “escrevem” seus

---

<sup>268</sup> Macedo (2010) se ateu às questões da educação infantil; Escudero (2011) focou a avaliação do currículo cultural; Souza (2012) descreveu uma experiência de elaboração curricular a partir de um método participativo; Eto (2015) estudou as especificidades da elaboração de um currículo multiculturalmente orientado em uma escola do campo; Lima (2015) investigou os processos de significação curricular via cursos de formação; Muller (2016) pesquisou o papel atribuído aos registros das atividades no momento do planejamento das atividades e Santos (2016) analisou as potencialidades e características dos procedimentos de tematização e problematização das práticas corporais no âmbito no currículo.

currículos tomando como referência os procedimentos de ensino, os princípios didáticos e o conceito de “escrita-currículo”.

Como ferramenta de análise, Bonetto (2016) optou pela filosofia da diferença desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Dentre os enunciados produzidos, o autor destaca que escrita curricular, os princípios incidem nos professores, ou seja, “influenciam”, “estão dentro”, “estão rondando” os sujeitos, que “pensam em um deles”<sup>269</sup>. Em outras palavras, os enunciados pedagógicos do currículo cultural que tratam sobre os princípios, produzem efeitos indiretamente na “escrita-currículo” e diretamente nos professores, como transformações incorpóreas<sup>270</sup>. Por isso, os princípios curriculares precisam ser entendidos como princípios ético-políticos.

É possível afirmar que a força que confere maior flexibilidade nesta perspectiva curricular, é o forte apelo à consideração dos agenciamentos maquínicos, ou seja, aquele tipo de encontro efêmero, produtivo, furtivo ou violento, que acontece em sala de aula/quadra, tais como tudo aquilo que acontece entre professor e alunos, o que emerge da cultura patrimonial da comunidade, das experiências que estes têm em relação às corporais. Por isso, vimos que a criação da “escrita-currículo” não se dá apenas como um conjunto exaustivo de técnicas internalizadas que o professor aplica automaticamente. O professor não é uma fonte originária, racional, produtora do novo, muito menos um aplicador de um conjunto de enunciados aos quais ele se submete e se contenta apenas em replicar. Ele atua dentro dos agenciamentos, como mais uma dentre outras forças que se engendram na elaboração da “escrita-currículo”.

### **À procura de outros desejos e linhas**

É importante destacar que na experiência da produção da dissertação do mestrado, observamos a partir da fala dos professores parceiros certas linhas, que os limitavam e que impediam de fazer o que professor e alunos desejavam em torno do estudo das práticas corporais, mas devido os métodos de produção de dados produzidos naquela ocasião esse diagrama foi elaborado “de longe”, ou seja, apenas a partir do grupo de discussão não conseguimos nos aproximar dos agenciamentos que constituem o dia-a-dia. Por isso, pensamos que alguns desejos e linhas que constituem a “escrita-currículo”

---

<sup>269</sup> Termos utilizados pelos participantes da pesquisa.

<sup>270</sup> Para Deleuze e Guattari (1996) ilustram o próprio poder da linguagem, ou seja, são as transformações instantâneas e imediatas provocadas pelo enunciado que a exprime e do efeito que ele produz.

das experiências analisadas ficaram pelo caminho. Agora, durante a tese de doutoramento, o objetivo é cartografar e intervir diretamente nas experiências curriculares, a atenção agora se volta para os agenciamentos maquínicos.

Na perspectiva de um engajamento teórico-pragmático, a partir de uma concepção educacional menos castradora, violenta e opressora, nos interessa bastante as experiências com o currículo cultural em funcionamento, ou seja, aquelas que tomam as práticas escolares como objeto constante de experimentação. A ideia é valorizar as práticas potencialmente novas, as quais valorizam a vida (escolar) vibrátil, agradável, em suas potencialidades máximas.

Para isso elaboramos algumas questões de partida: Quais são as linhas que atravessam uma experiência curricular com a perspectiva de Educação Física cultural? Qual mapa o professor está fazendo e remanejando? Qual linha abstrata ele traçará? E a que preço, para ele e para os alunos? Existem linhas de fuga? O que no currículo se territorializam e desterritorializa? Qual linha o professor interrompe, qual ele prolonga ou retoma? E os alunos? Como se conectam à essa rede de linhas de força? Quais agenciamentos maquínicos se engendram na “escrita-curriculo”?

Sobre o conhecimento veiculado pela Educação Física cultural, qual é a sua qualidade? O que constitui um conhecimento útil ou verdadeiro? Quais as ideologias e concepções ético-políticas estão em jogo nos conhecimentos veiculados? Como as microfísicas de poder constituem esse conhecimento? Qual a relação deste conhecimento com a ideia do não-pensado ou do pensamento “do fora”?

A ideia é partir do estudo da vida-trabalho de um professor, produzir um memorando das linhas de força e das relações de poder que engendram uma experiência curricular pautada na Educação Física cultural. Com base na esquizoanálise desenvolvida por Deleuze e Guattari (1996; 1997a; 1997b), buscaremos, também, cartografar e intervir nos agenciamentos/acontecimentos que emergirem, procurando potencializar modos de educação constituintes da experiência entre os sujeitos e o não-pensado, para além dos modelos de educação ancorados em um sistema de representações, na reprodução, obediência e memorização.

### **Método da pesquisa**

Tomando como referência a grande potencialidade da filosofia da diferença proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari nas pesquisas em educação, sobretudo no

que se refere à análise das linhas de força, criação e proposição de formas menos representacionais e estruturantes de pensar (CORAZZA, 2002; KOHAN, 2002; SCHÉRER, 2005; GALLO; 2008; RIBEIRO, 2014) definimos a chamada esquizoanálise enquanto referência metodológica<sup>271</sup>.

De antemão, adianto que é menos um método de pesquisa e mais uma perspectiva filosófica de produção de enunciados bastante flexível e múltipla. Trata-se, portanto, de uma filosofia do acontecimento, uma filosofia da multiplicidade, cujas bases rompem com uma filosofia dogmática do sujeito e da consciência, pois ela vai contra a ideia de totalidade, de estrutura, de esquemas pré-estabelecidos. Ao contrário, parte das premissas de que há infinitas formas de se compor com a vida, nenhuma delas, previamente classificadas como boas ou más, certas ou erradas. A esquizoanálise procura os lineamentos que compõem as coisas do mundo, sem rótulos nem verdades absolutas.

A esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a Esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política. (DELEUZE; GUATTARI; 1996, p. 77-78).

Deleuze e Guattari (1996) afirmam também que a prática da esquizoanálise não vem após a instalação dos termos e de suas relações, mas participa ativamente do traçado das linhas. Para eles, a esquizoanálise é como a arte da novela, ela não tem problema algum de aplicação. Pois destaca linhas que tanto podem ser as de uma vida, de uma obra literária ou de arte, de uma sociedade.

De acordo com Baremlitt (2002) a esquizoanálise é um processo de investigação, de produção de conhecimentos e de aplicação dos mesmos, para transformar o mundo, entendido no sentido tanto da organização social, como política, econômica, da subjetividade. A esquizoanálise, que não tem por que ser feita por especialistas e que, além disso, cada um faz à sua maneira, a partir da inserção social que tenha e da causa em que esteja envolvido nas lutas do mundo (sexual, artística, política alternativa, industrial, militar, etc.).

---

<sup>271</sup>Segue também uma nova direção das pesquisas do grupo, inaugurada pela dissertação de mestrado (BONETTO, 2016), bem como nos últimos trabalhos desenvolvidos por alguns integrantes do GPEF (SANTOS, 2016; NUNES, 2016).

A esquizoanálise enquanto o estudo das linhas de força que compõem qualquer ato, objeto, enunciado, acena para as relações de forças as quais nós, em sociedade, tecemos as experiências de sentido. Nossas relações são, pois, atravessamentos de linhas, e cada uma delas nos atravessa de forma mais ou menos intensa ou efetiva.

Estácio Neto (2009) ressalta que o "olhar" esquizoanalítico não corresponde tão-somente a um aporte teórico para renovar as interpretações e as práticas escolares, mas, ao contrário, abrange uma complexa concepção de mundo, aqui incluídos os diferentes níveis de realidade que o constituem, inclusive as dimensões humanas inseparáveis do próprio mundo.

Com isso, pretende-se destacar as contribuições que a Esquizoanálise tem oferecido em inúmeros campos, além do "*psi*", fornecendo novo fôlego para movimentos minoritários revolucionários, produções artísticas "menores", além de todo tipo de esforços criativos transversais que buscam apreender não mais o "objeto linear", mas os fenômenos complexos que ultrapassam os limites do "dado" e vibram, afetam, dinamizam a vida, na forma de intensidades. (ESTÁCIO NETO, 2009; p. 96).

Nessa concepção, a escola tornar-se lócus privilegiado de composição de forças desejanças capazes de ampliar a potência de dizer sim a outras formas de existência; existências dispostas, se necessário for, a criarem "máquinas de guerra" afeitas a desintegrar tudo o que ofusca a vida, seja na escola, seja fora dela. O intuito é facilitar a criação de relações menos hierarquizadas e disciplinares, que possibilitem a emergência de uma subjetividade singular, do diferente, do novo e do não-pensado.

## Referências

BAREMBLITT, G. **Introdução à esquizoanálise**. 2. ed, Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.

BONETTO, P. X. R. **A "escrita-curriculo" da perspectiva cultural de educação física: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. Rio de Janeiro: 34, 1997a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. Rio de Janeiro: 34, 1997b.

ESCUADERO, N. T. G. **Avaliação da aprendizagem em educação física na perspectiva cultural**: uma escrita autopoietica. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ESTÁCIO NETO, F. **Esquizoanálise, subjetividade e educação**. 2009. 140 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2009.

ETO, J. **Desconstruindo o futebol e a erotização da dança**: uma experiência na educação física da escola do campo no Mata Cavalu. 2015. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GALLO, S. **Deleuze & a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOHAN, W. O. Entre Deleuze e a educação: notas para uma política do pensamento. **Educação & Realidade**, v. 2, n. 27, p. 123-130, jul./dez. 2002.

LIMA, M. E. **Entre fios, “nós” e entrelaçamentos**: a arte de tecer o currículo cultural de educação física, 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MACEDO, E. E. **Educação física na perspectiva cultural**: análise de uma experiência na creche. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MÜLLER, A. **A avaliação no currículo cultural da educação física**: o papel do registro na reorientação das rotas. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da educação física em ação**: a perspectiva dos seus autores. 2011. 331 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

SCHÉRER, R. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1183-1194, set./dez. 2005.

SANTOS, I. L. **A tematização e a problematização no currículo cultural da educação física**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUZA, M. M. N. **“Minha história conto eu”**: multiculturalismo crítico e cultura corporal no currículo da educação infantil. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

**Pedro Xavier Russo Bonetto** é mestre em Educação (FE-USP), doutorando também em Educação na temática Educação e Ciências Sociais: Diferenças e Desigualdades (FE-USP). Professor da rede municipal de São Paulo.

## Trajetórias de vida juvenis e religião como espaço de formação e socialização

Rachel Omoto Gabriel<sup>272</sup>

### Resumo

O estudo investiga de que maneira os processos de formação e socialização vivenciados por jovens em instituições religiosas influenciam suas trajetórias de vida e projetos de futuro. Indo além de espaços mais tradicionalmente explorados pela Sociologia da Educação, pesquisamos como certas instituições religiosas configuram-se em espaços educativos, com pedagogias e metodologias próprias, que podem ter influência nas escolhas (pessoais, profissionais, políticas etc.) dos jovens que delas participam, sem deixarmos de balizar o peso da religião em suas correlações com outras instâncias socializadoras, como família e escola, a fim de analisarmos como se articula a constituição da maneira pela qual os jovens estruturam seu agir no mundo. A pesquisa de campo enfocará jovens católicos frequentadores do Anchieta, Centro de Juventude mantido pela Companhia de Jesus no Brasil em São Paulo/SP. Os procedimentos empregados nesta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, incluem entrevista semiestruturada de caráter biográfico, aplicação de questionário e observação de campo, em conversação com um referencial analítico-teórico bourdieusiano, considerando seus desdobramentos em Lahire (2001), Archer (2016), Vandenberghe (2016) e Peters (2009), para que possamos esboçarmos relações entre juventude, religião, comportamentos políticos, trajetórias de vida e projetos de futuro.

### Palavras-chave

Juventude – Religião – Projeto de vida – Socialização – Trajetória de vida.

### Introdução

A presente pesquisa visa investigar de que maneira os processos de formação e socialização decorrentes da participação de jovens em instituições religiosas influenciam suas trajetórias de vida e projetos de futuro. Para além de espaços mais tradicionalmente pesquisados pela Sociologia da Educação, pretendemos explorar o modo pelo qual certas instituições religiosas configuram-se como espaços educativos, de formação e socialização, que podem ter papel nas escolhas (pessoais, profissionais, políticas etc.) dos jovens e das jovens que delas participam.

Cabível ressaltar que ao explorarmos processos de socialização e espaços “para além” da escola, tal empreitada dar-se-á sem que percamos de vista o sujeito jovem. Nas

---

<sup>272</sup> Contato: rachelomoto@gmail.com